



O Pensar Desenho: Reflexões Culturais e Interdisciplinares

DESENHO E PERSPECTIVAS CULTURAIS: OLHARES SOBRE O TREZENÁRIO EM TANQUE DE SENZALA – BA

Camila Machado Paim¹
Mestranda em Desenho Cultura e Interatividade pela UEFS
Universidade Estadual de Feira de Santana.
e-mail: camila.paim.754@gmail.com

Edson Dias Ferreira²
Professor titular da UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana.
Orientador do grupo de pesquisa sobre Linguagens visuais.
e-mail: edson.orientacaomestrado@yahoo.com.br

Resumo

Este trabalho procura demonstrar como as leituras discutidas durante o semestre 2019.1 na disciplina de Desenho e perspectivas Culturais, ministrada pela área de concentração em cultura, favoreceu no entendimento de dois campos do conhecimento: Cultura e Desenho. Com o auxílio das mesmas, foi possível delimitar meu objeto de estudo, o Trezenário de Santo Antônio, acontecido anualmente na Comunidade de Tanque de Senzala – BA, por meio de fotografias e memórias dos devotos sobre a manifestação religiosa.

Palavras-chave: Desenho e Perspectivas Culturais; Fotografia; Memória; Trezenário; Tanque de Senzala.

Abstract

This paper aims to demonstrate how the readings discussed in Drawing and Cultural Perspectives class during the semester 2019.1, by the area of concentration in culture, favored the understanding of two fields of knowledge: Culture and Drawing. With their support, it was possible to delimit my object of study, Trezenário de Santo Antônio, held annually in the Community of Tanque de Senzala - BA, through photographs and memories of the devotees about the religious manifestation.

Keywords: Design and Cultural Perspectives; Photography; Memory; Thirteen; Tanque de Senzala.

¹ Licenciada em Geografia (pela Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS) Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade - Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS. E-mail: camila.paim.754@gmail.com

² Pós Doutor em Ciências Sociais (pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: edson.orientacaomestrado@yahoo.com.br

1. Introdução

Ingressa no mestrado de Desenho Cultura e Interatividade, pela área de concentração em cultura, um desafio me foi colocado: trazer o desenho e a cultura em evidência na discussão de meu projeto de pesquisa. E a disciplina obrigatória do primeiro semestre intitulada de Desenho e Perspectivas Culturais³ teve o papel significativo nisso, servindo como porta de entrada para o entendimento dessas duas grandes áreas do conhecimento, Desenho e Cultura, especialmente, pelo fato dos docentes introduzirem nas discussões, textos basilares para esse feito.

E as leituras desses textos bem como suas discussões, aliados às orientações de pesquisa, me favoreceram no pensar em como seria tratado meu objeto de estudo, digo isso porque a ideia inicial era estudar a história da origem da comunidade de Tanque de Senzala, principalmente, por conta da escassez de informações de modo acessível, em sites especializados sobre a história da origem desta.

Todavia, minha aproximação com a área de cultura, fez com que tivesse que adicionar ao meu projeto de pesquisa, de modo mais evidente, a discussão da própria cultura e também do desenho, diante disso, e por meio da disciplina em questão, foram apresentados trabalhos de estudiosos respeitados, cujo referenciais encaminharam para esses dois campos do conhecimento.

Assim, este trabalho consistirá em demonstrar uma síntese dos textos que se tornou significativo para mim, sobre cultura por: Roque de Barros Laraia (2001) e Muniz Sodré (1983), como marco da transição entre o desenho e cultura, o texto de Edgar Morin (1979), por fim, o desenho sobre o olhar de: Ana Angélica Albano Moreira (2009), Betty Edwards (2007), Luiz Vidal Negreiros Gomes (1996) Edson Dias Ferreira (2005).

E após isso, será apresentado os caminhos que estão sendo traçados na pesquisa ainda em andamento, a partir da delimitação do objeto. Por isso, o objetivo central deste trabalho será o de demonstrar como a disciplina de Desenho e perspectivas Culturais, me favoreceu no entendimento dos campos de Cultura e Desenho. E como esse entendimento foi relevante para pensar nas variadas nuances da pesquisa até chegar à manifestação religiosa da Comunidade analisada por meio do Trezenário de Santo Antônio, utilizando como ferramenta de mediação, fotografias antigas e memórias dos devotos/moradores do lugar.

³ Disciplina obrigatória ofertada no primeiro semestre, do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade, pela área de concentração em Cultura, na Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. E-mail do mestrado: msdesenho@uefs.br

2. O lugar da cultura e do desenho na disciplina

A área de cultura possibilitou, como já sinalizado, uma reflexão sobre os dois campos principais do programa no mestrado: Desenho e Cultura. Principalmente pelas leituras e discussões feitas dessas, portanto, é relevante trazer aqui, de modo sintético, as principais ideias que permearam as discussões dos textos.

O primeiro livro discutido foi o de Roque de Barros Laraia (2001), chamado: *Cultura: um conceito Antropológico*, pelo fato de ser considerado como uma leitura introdutória acerca do conceito de cultura dentro da área da Antropologia. Na primeira parte deste, intitulado por “Da natureza da cultura ou da natureza a cultura”, o autor busca explicitar como a cultura era pensada, inicialmente através dos determinismos biológico (que pregavam as diferenças genéticas que interferiam nas diferenças culturais) e geográfico (que consideravam que as diferenças do ambiente físico condicionavam a diversidade cultural), mas ficou comprovado que a cultura não pode ser explicada em termos das limitações que lhes são impostas pelo seu aparato biológico ou pelo seu meio ambiente.

Diante disto, o autor demonstra como o conceito em questão se desenvolveu ao longo dos tempos por diferentes autores, dentre eles, destacam-se Edward Tylor que propôs, baseado no evolucionismo, o primeiro conceito de cultura, dentro das discussões antropológicas, como: “todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (LARAIA, 2001, P.15). A partir daí foram surgindo algumas ideias de cultura visando superar e reagir a de Tylor, com destaque para Franz Boas com seu particularismo histórico, e com este, uma leva de estudiosos da antropologia moderna, como: Alfred Kroeber, Levi Strauss, Clifford Geertz.

Na segunda parte do livro, intitulado por: “Como opera a cultura”, mostra-nos como a cultura vai interferir diferentemente no comportamento humano, pois, apesar de possuirmos uma unidade biológica, afinal somos todos seres humanos, a cultura vai interferir direta e indiferentemente na forma que agimos nos grupos que pertencemos. Laraia (2001) sinaliza que: “homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, têm visões desencontradas das coisas” (LARAIA, 2001. P.25), e isso explica o porquê de, na maioria das vezes, tendermos a supervalorizar a nossa cultura e discriminar a cultura de outro grupo (podendo acontecer dentro de uma mesma sociedade), fato esse denominado de etnocentrismo.

O poder da cultura também pode ser manifestado, em alguns aspectos biológicos, decidindo, por exemplo, sobre a vida e a morte dos membros pertencentes a um mesmo sistema. Entendemos com isso, que a cultura muitas vezes pode ser perversa

como foi o caso dos escravos africanos trazidos forçadamente de seu continente para o Brasil no período da escravidão. Porém, é importante salientar, que a apesar da cultura ter interferência no comportamento dos seres humanos, este, é incapaz de participar de todos os elementos/eventos de sua cultura. É importante salientar ainda, que não existe uma cultura melhor do que outra, e sim que cada uma (cultura) tem sua própria lógica e que a mesma sempre está em eterna mudança, ou seja, ela é dinâmica, e o entendimento disso, favorece na reflexão de comportamentos preconceituosos sobre a diversidade cultural.

O outro livro debatido e muito recomendado para a compreensão do que a palavra cultura significa para os sujeitos, foi o de Muniz Sodré (1983), chamado de *Verdade Seduzida*, que debate sobre o conceito ocidental de cultura e as implicações do poder que esse termo emana nas sociedades, sobretudo, na cultura negra. Entretanto, somente foi levado em consideração na discussão em sala a introdução e primeira parte. No início, o autor apresentou como os elementos relacionados a cultura irão ser tratados no decorrer do livro, além de evidenciar também, a dificuldade de se encontrar uma definição única para cultura, ainda mais que a mesma desliza de um contexto social para outro, fazendo com que haja várias significações, favorecendo com isso, na tentativa de universalizar o termo, por aqueles grupos tidos dominantes como os europeus, que utilizam-na para justificar algumas atitudes e ações, a exemplo do racismo.

A primeira parte, "Genealogia do conceito" o autor vai apontar alguns aspectos que fortaleceu o discurso de cultura desde a origem até sua evolução, por isso, toma como ponto de partida a ideia de que a palavra cultura relaciona-se com as práticas de organização simbólica, de produção social do sentido, de relacionamento com o real. A partir daí, é trazido como a ideologia vai moldar o pensamento dos grupos dominantes, com a ideia de poder e seus modelos universais de cultura, impostos na sociedade. Poder esse, exercitado sabiamente pelos povos ocidentais que se colocam como superiores aos demais grupos como se fossem verdadeiros exemplos a serem seguidos.

O terceiro texto analisado, foi o de Edgar Morin (1979) intitulado por *Um animal dotado de desrazão*, selecionado justamente porque marca a transição da discussão de cultura para a imagem, em especial o desenho. O autor mostra nos dois pontos iniciais, a partir da sepultura e da pintura, como o homo sapiens procurou lidar com a morte ao presentificar o ausente por meio da consciência desta, estabelecendo com isso, o aparecimento das relações simbólicas, além do surgimento das representações e com as mesmas o relacionamento do homem com os desenhos, símbolos, ideias, etc.

E para a concretização deste relacionamento, o autor atesta a consciência do duplo, sendo identificado pela sombra que acompanha cada pessoa, podendo ser pelos desdobramentos nos sonhos ou nos reflexos na água, isto é a imagem. Morin chama atenção no entendimento do duplo: “para compreender mais profundamente como uma imagem pode ter acesso à existência como “duplo”, é preciso compreender que todo objeto tem, a partir de então, para o sapiens, uma dupla existência. (MORIN, 1979. P. 107). O relacionamento do homem com a imagem foi tão significativo que o autor compara a uma segunda nascença do homem.

Ficou evidente no texto anterior como o aparecimento da imagem marcou a existência de uma consciência no homem, e a partir de então, o mesmo nunca mais conseguiu se desvencilhar do seu efeito. Nesse intuito, o próximo livro evidencia como a imagem sempre faz parte de nossas vidas, desde a infância até a fase adulta se assim for nosso desejo, sobretudo, através do desenho, caracterizado por ser a primeira forma de materialização da consciência do homem em qualquer superfície plana por meio de algum objeto que lhe possibilite traçar/riscar.

Deste modo, o quarto livro trabalhado *Espaço do desenho: a educação do educador*, da autora Ana Angélica Albano Moreira (2009), mostra basicamente a potencialidade do desenho no processo educativo, por isso a mesma o divide em três partes: a primeira parte denominada de “o desenho da criança”, que é visto como a criança concebe o desenho, porque toda criança desenha, sobretudo para brincar o que marca também o registro de sua primeira forma de escrita, e conseqüentemente, sua primeira forma de expressão gráfica, desta forma, o desenho marca o desenvolvimento da criança, em diferentes estágios.

Porém, a medida que a criança cresce, na maioria dos casos, o desenho é deixado de lado devido à supervalorização da linguagem escrita, e por conta disso, o desenho se cala, ou seja, o adulto que desenha de modo mais “consciente” é aquele que não parou o seu desenho na infância. Na segunda parte do livro, “A escola”, a autora aborda como a escola lida com o desenho no processo educativo, inicialmente a escola, serve como substituto de alguns espaços sociais perdidos, como o espaço do quintal e da rua, sendo a mesma, considerada como “espaço de jogo” onde a criança pode brincar, desenhar e se relacionar com outras crianças, etc. Entretanto, é na escola também que a criança rompe com o desenho na medida que as linguagens tidas como oficiais viram a prioridade na aprendizagem.

E na última parte “A recuperação do ser poético”, a autora nos convida a atualizarmos nosso desenho da infância, para só assim, enquanto educadores, poderemos auxiliarmos nossos alunos a não perderem seus desenhos, nos convida também a repensar nossa prática, a partir de nossa própria realidade e não da do

outro, nos dando uma esperança de adotarmos nas escolas o desenho como uma linguagem tão importante quanto a escrita e que pode ser aprendida por qualquer pessoa, e em qualquer idade.

O livro de Moreira (2009) nos dá uma pista do quinto livro discutido, que foi o *Desenhando com o lado direito do cérebro* de Betty Edwards (2007), onde a autora afirma que saber desenhar é uma habilidade que todos podem aprender assim como se aprende a ler, dirigir, andar, etc., e não necessariamente precisamos ter um dom divino para tal, “desenhar é uma habilidade que pode ser aprendida por qualquer pessoa normal com visão motora medianas – com habilidade suficiente para enfiar uma linha numa agulha ou atirar uma bola a distância”.(EDWARDS, 2007 p.29)

Mas, para isso será necessário que o lado direito do nosso cérebro seja acessado. Para explicar esse feito, a autora se apoia nas pesquisas de Roger W. Sperry (1968), que esclarece as funções dos hemisférios esquerdo e direito do cérebro. Sendo o esquerdo reconhecido por ser mais verbal e racional e o direito por ser, não-verbal e intuitivo portando menos utilizado pelos seres humanos. Diante disso, a autora demonstra uma série de exercícios práticos, como – vaso/rostos, desenhando de cabeça para baixo, desenho de meros contornos, etc - que tem por finalidade ativar o lado direito do cérebro, e ativando este lado, qualquer pessoa pode desenhar.

O desenho é uma área do conhecimento bastante importante para as sociedades, ainda mais pela capacidade de representação que o mesmo comporta. A partir daí, o penúltimo livro discutido foi *Desenhismo*, de Luiz Vidal Negreiros Gomes (1996). Logo de início, o autor já procura definir o que é desenho, que segundo o mesmo, “é uma das formas de expressão humana que melhor permite a representação das coisas concretas e abstratas que compõem o mundo natural ou artificial em que vivemos”. (GOMES, 1996. P.13).

Porém, apesar da importância que o desenho tem, a educação formal somente leva em consideração as grafias representadas pelas letras e números, perante isso, o autor apresenta nas denotações do desenho, a formação do significado do termo, especialmente, em alguns dicionários da língua portuguesa, trazendo algumas expressões linguísticas próprias destes, como o debuxo, fazendo questão de não recorrer a estrangeirismos para tal.

E nas conotações do desenho, o autor faz um apanhado histórico para ilustrar as influências de cada época, desde a idade média até a atualidade, no trato com desenho. E nesse livro pude perceber que o desenho acompanha o movimento social e sua produção reflete a identidade de um povo, portanto, o ensino deste deve ser

feito de qualidade e de modo significativo, levando em consideração a realidade do artista e seu tempo, como vai ser mostrado no trabalho seguinte.

E por fim, seguindo a premissa de que o desenho é o reflexo da realidade de quem o produziu, o último trabalho, *Desenho e antropologia: influências da cultura na produção autoral*, de Edson Dias Ferreira (2005), procura demonstrar como o impacto da cultura local vai influenciar no trato e na produção do desenho.

Logo de início, o autor traz a sua trajetória com o desenho e como a aproximação com as ciências sociais permitiu-lhe perceber o “lado” social do desenho, e isso ficou ainda mais claro nas edições do International Conference on Graphics Engineering for Arts and Design, mais conhecido como o GRAPHICA, onde ele percebeu que em cada edição do evento, por acontecer em locais distintos, e apesar de abordar a mesma coisa que é o desenho, o desenho se mostrava de maneira diferente, e a forma como a organização tomava o tema era diferenciada, pensando sempre na influência local/social.

E a partir disso, autor percebeu que as discussões que envolviam o desenho se alargou para mais três eixos temáticos: imagem, memória coletiva e etnicidade, por isso, procurou definir esses eixos, pela origem comum que carregam, ancoradas nos pensamentos de: Edgar Morin, Martini Joly, Fredrick Barth, Maurice Halbwachs e Michel Pollak. Depois disso, no último ponto tratado no trabalho, o autor traz a fonte que inspira e motiva a produção artística/cultural de Salvador por meio dos traços de Caribé das esculturas de Tati Moreno, das ilustrações de Carlos Bastos e das Charges de Hélio Roberto Lage. Esses artistas capturaram elementos da cultura local como a política, religiosidade, culinária, etc., para dar sentido as suas obras.

Depois do que foi tratado nos textos acima mencionados, podemos perceber como estes cumpriram a função de oferecer um panorama geral acerca do desenho e da cultura, e com isso, pude fazer um recorte no meu objeto de estudo, a Comunidade de Tanque de Senzala, para o Trezenário de Santo Antônio da mesma Comunidade a partir dos dois eixos temáticos abordados.

3. Memórias e fotografias dos devotos sobre o Trezenário

Nessa perspectiva, depois do que foi discutido por meio das leituras, no tocante a cultura, o que ficou de significativo, é que a mesma interfere nas ações dos indivíduos, sendo visualizada por meio das práticas de produção social que dão sentido em determinado grupo, por isso, a manifestação religiosa está inserida na discussão de

cultura, a partir do momento em que esta, favorece na produção de símbolos, construídos ideologicamente, na preservação de mitos e rituais, que faz com que os indivíduos se conectem com o sagrado.

Então, estudar a manifestação religiosa da comunidade de Tanque de Senzala, por meio do Trezenário de Santo Antônio, acontecido anualmente, começou a fazer sentido para compreender a dinâmica cultural do lugar.

Mas, como significar o desenho na pesquisa? Bem, acredito que inicialmente, as memórias dos devotos sobre a festa em questão, irá me conceder acesso a vários desenhos localizados no imaginário desses, e tentarei estabelecer com isso, um elo acerca das relações estabelecidas no lugar, já que o desenho é produto de um fazer social e cultural. Além disso, o desenho será pensado, especialmente, a partir da ótica das fotografias antigas do Trezenário e das transformações oriundas desse percurso temporal.

Desta forma, a pesquisa em andamento é de caráter qualitativo, e está ancorada no método etnográfico, método esse muito utilizado pelas ciências sociais justamente porque o pesquisador tem que está inserido no espaço onde está localizado seu objeto de estudo, para entender como se configura certos padrões comportamentais, costumes, religiosidade, etc., entre os sujeitos de determinado grupo.

Por isso, já foi realizada uma aproximação entre a pesquisadora e os pesquisados – os devotos -, para compreensão da origem da festa, e também para coleta de fotografias antigas destes. É evidente que também, foi feita uma visita no município de Santo Amaro, onde a comunidade estudada se vincula, no intuito de buscar informações em órgãos públicos sobre o lugar, mas, sem muito sucesso, pois não foi encontrado nada, até então, de significativo.

4. Considerações Finais

Apesar de ser moradora da comunidade e participar ativamente das comemorações do Trezenário, nunca o tinha percebido como uma forma de manifestação cultural local, provavelmente porque nunca fui incentivada a pensar desse modo. E por isso, a disciplina Desenho e Perspectivas Culturais teve um papel essencial nessa questão, me fazendo perceber que as ações comunitárias para a realização da festa, faz com que os devotos se relacionem com o real em prol do sagrado, que é onde a ideia de cultura está alicerçada, e isso pode ser percebido na forma de lembranças guardadas

nas memórias dos devotos e também nas fotografias antigas da festa, em que estes, guardam para eternizar o momento vivenciado.

Além disso, a mesma me auxiliou também, nas discussões conceituais dos campos em questão, já que os textos debatidos são de estudiosos respeitados que se preocuparam em demonstrar determinados aspectos que explicam a sociedade pela ótica cultural e desenhística. Por isso, a disciplina é bastante relevante de ser ensinada no primeiro semestre, pois ela tem muito a contribuir com o andamento das pesquisas dos mestrandos, e de modo geral, na sua formação profissional como mestre em Desenho, Cultura e Interatividade.

REFERÊNCIAS

EDWARDS, Betty. **Desenhando com o lado direito do cérebro**. 4ª ed. (GANTER 04), editora: Ediouro, 2007.

FERREIRA, Edson Dias. **Desenho e Antropologia: Influências na produção Cultural**. Recife, 2005.

GOMES, Luiz Vidal Negreiros. **Desenhismo**. 2.ed. Santa Maria, 1996.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14.ed. – Rio de Janeiro, 2001.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O Espaço Do Desenho: A educação do Educador**. Edições: Loyola, 13ª ed. São Paulo, 2009.

MORIN, Edgar. **O enigma do homem: Para uma nova antropologia**. 2ª ed, Rio de Janeiro, 1979.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.